



O Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

15 de Outubro de 2016 • Ano LXXIII • N.º 1894
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

BENGUELA

Padre Manuel António

Ficamos à espera...

O nosso querido Padre José Maria deixou o nosso mundo e partiu para o Pai. Recebemos a notícia da sua morte, no passado dia 30 de Setembro, ao começar a noite. Os filhos da nossa Casa do Gaiato de Maputo, Moçambique, ficaram órfãos de pai. O Padre José Maria, quatro anos depois de ter nascido a nossa Casa do Gaiato de Benguela, em Angola, passou para nos saudar, vindo de Portugal, juntamente com o pequeno grupo de rapazes, seus companheiros, com destino a Moçambique. Recordamos essa hora maravilhosa, com o coração cheio de Esperança, porque, em breve, aconteceria o nascimento da nova família da nossa Casa do Gaiato, em Moçambique. Depois duma doença muito grave, que o abalou ao longo de vários meses, o Pai do Céu decidiu levá-lo deste mundo. Um grupo numeroso de filhos da rua, a viver na nossa Casa do Gaiato de Maputo, juntamente com todos aqueles e aquelas que tinham morada no seu coração cheio de amor, ficaram órfãos deste pai.

Nesta hora, muito dolorosa para toda a Obra da Rua, no seu ramo da Casa do Gaiato de Maputo, surge uma pergunta prioritária: Quem vai ocupar o lugar fundamental, deixado pelo nosso querido Padre José Maria? Neste momento, não encontro a resposta no meu coração. Qual o futuro da nossa Casa do Gaiato de Maputo? A falta de vocações sacerdotais para este estilo de vida é uma realidade escaldante. Deste modo, esta hora ocupa as nossas vidas com a dor causada pela morte do Padre José Maria e, sobretudo, pela ocupação do lugar que ele deixou, com todas as consequências sociais. Confiamos, incondicionalmente, no Amor do Pai do Céu. A Obra da Rua com todas as Casas do Gaiato é Obra d'Ele. O Padre José Maria, prestes a completar 83 anos de idade e mais de 50 de sacerdócio ao serviço da Obra da Rua, terá o seu lugar no Reino do Pai do Céu. Continuamos muito unidos num só coração e numa só alma.

Continua na página 3

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Um retrato da Mãe Teresa

As mães cristãs multiplicam-se sem se diminuírem; o último filho no tempo é o primeiro no coração delas.

Padre Américo

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *A Alegria do Amor*, sublinhou que *a falta de memória histórica é um defeito grave da nossa sociedade* (AL193). E, na visita recente à Geórgia e ao Azerbaijão, proferiu críticas à *ideologia do género* e que há uma *guerra mundial* contra o matrimónio e a família. Não podem haver dúvidas doutrinais de fundo, para os cristãos, nas matérias tão importantes como a vida humana e a família; o que não exclui o acolhimento de cada pessoa, tratando com misericórdia os *feridos da vida*, como fez Jesus. Porém, entre outros aspectos, está em causa que nas escolas se vai apresentando às crianças *colonizações ideológicas* sobre esses temas.

Este preâmbulo da actualidade vem a talho de foice sobre o desvendar de outro interessante documento biográfico que já acenámos uma vez e agora é transcrito na íntegra, para que não se perca no escaninho de arquivo. Da sua beleza, da mãe Teresa, e literária, saída da pena de sábio arqueólogo e historiador penafidense, por sinal o irmão mais velho de Padre Américo, o Padre José, fica ao alcance de quem sabe (todos!) da importância da mãe na história pessoal, familiar e do mundo. E da Mãe de Jesus, na História da Salvação!

Somos, pois, convidados a observar bem este retrato tão pormenorizado e *fotográfico* que felizmente se conservou praticamente durante um século, por escrito, e desde 1873, quando foi vista a senhora *Teresinha do Bairro*, depois do seu feliz matrimónio em Paço de Sousa. Eis, então, aos nossos olhos o belo:

Continua na página 4



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Completou a sua Jornada

NÃO foi surpresa. Da última vez que estívemos juntos, todos sabíamos que seria o último encontro nesta terra. A despedida, ainda que última, entre cristãos, é sempre um até breve. Foi assim com o nosso Padre José Maria.

Este convencimento no encarar da vida, em verdade, não anula o sentimento. Se doce num momento, logo toma um sabor amargo, pois se no primeiro temos a certeza de que a separação é temporária, no segundo invade-nos a ausência que é um facto.

O Padre Zé Maria, como é típico dos nossos padres, foi um peregrino. Quando, em certos momentos da sua vida, tudo parecia estar a desmoronar-se, o alento da esperança sempre lhe abriu caminhos e o fez avançar. Nada lhe travou a caminhada: nem o desconhecido, nem a insegurança, nem o aviltamento, nem a doença. O recordar o passado era nele um refazer das forças para prosseguir a caminhada.

Nuns papéis guardados de tempos idos, encontrei uma carta que dirigiu ao nosso Padre Manuel António algum tempo após ter sido obrigado a deixar a Casa do Gaiato de Moçambique que fundara com os seus. Estava ao tempo no Brasil, lançado em trabalhos semelhantes aos que bem conhecia. Os sentimentos que ao longo da vida cultivou de homem livre, abriram-lhe sempre as portas do futuro. A dado passo, diz nela: «Não calculas as saudades que tenho de

África... Que saudades do tempo em que no remanso da varanda em Benguela ouvíamos aquela voz da África do Sul; ou em que na Capela das Monjas celebrávamos o Louvor do Senhor com elas. Aquelas vozes, aqueles cânticos ainda hoje estão nos meus ouvidos. Tenho aqui comigo uma gravação da Missa em banda. De vez em quando oiço. Aquelas idas à praia no Domingo de manhã ou ao Lobito à tarde com a camioneta cheia de garotada. Aquele wisquisito no Colégio das Doroteias que a Irmã Silva sempre dava. Aqueles retiros, aquelas vigílias, aquela Procissão do Corpo de Deus em Benguela; aquela missa à tarde na Catedral. Que lembrança bonita Deus nos dá para guardar na memória e no coração».

A fundação de uma nova Casa do Gaiato em Moçambique, totalmente de raiz, levou-o a recuperar o sabor africanista. Deus deu-lhe um quarto de século para levar por diante o seu sonho renovado, até o fazer chegar agora ao fim da sua peregrinação.

Sabia da sua aproximação, de há uns anos para cá. Procurou de muitos modos encontrar um padre que continuasse os seus trabalhos. Não o encontrou. Não estranho nada. A Obra da Rua não é nossa; a Obra da Rua é uma Obra de Deus...

Uns poucos dias antes da nossa despedida ouvi-o dizer à sua primeira família, que não sabemos como é a vida em Deus! Sim, não sabemos, mas creio que, agora, o nosso Padre Zé Maria já o sabe. □

Pelas CASAS DO GAIATO

MOÇAMBIQUE

Rapazes da Casa do Gaiato de Moçambique

“PADRE QUER DIZER PAI”

— Pai José Maria, homem nascido no ano 1933, criança, jovem filho de uma família como qualquer uma, mas que mais tarde teve um desejo.

O desejo de seguir e servir a Deus, o que veio a concretizar-se com a sua ordenação como Padre em 1955. Aí teve um sonho, como um de nós tem, mas este não foi um sonho qualquer, pois quis formar uma família para quem não a tem. Foi então que surgiu o desejo de servir a Obra da Rua e criar a Casa do Gaiato de Maputo, que por vários motivos teve as portas encerradas, mas com a força e vontade de Deus, o nosso Pai a reabriu no ano 1991 com ajuda da nossa Mãe.

A vida tem vários mistérios e o maior deles é a morte. Nunca poderemos entender o porquê de um ente amado ter que partir. A dor que sentimos é imensurável. Neste momento, não há palavra nenhuma que possa confortar os nossos corações. Tudo parece perder sentido e o mundo fica pequeno diante de tamanho sofrimento. Pai, com certeza está a ver e ouvir-nos e irá dizer: “oh filhos a morte não é nada, eu somente passei para outro lado da estrada, eu sou eu, vocês continuam meus filhos”.

Mas Pai, hoje para nós o sol não brilhou, os pássaros não cantaram, os risos se calam e nossos corações sofrem em silêncio. Mas o que fazer se essa tristeza toda é de saudades? Não culpamos a Deus por tê-lo levado, pois se isso aconteceu foi porque estava merecendo o seu descanso. Descanso de uma vida cheia de trabalho e muitas preocupações. Sim, porque foi isso que vimos a vida inteira, preocupado se estava-

mos tendo a vida que queríamos e merecíamos, dando o seu todo.

O senhor foi e sempre será o melhor Pai do mundo que qualquer um gostava de ter. Aquele Pai lutador, conselheiro, amigo, humilde, honesto, de longas falas quando necessário, duro quando preciso, amoroso, sorridente, educador, uma referência de lealdade, de compromisso com a verdade, um porto seguro para qualquer tempestade, a quem nenhuma fruta no mundo se assemelha.

Pai, temos muito orgulho de ti, nosso pai amado. Você partiu, mas deixando um exemplo de vida, de determinação e coragem. Estarás sempre presente na nossa vida. O seu amor nos uniu e guiará para sempre e tudo faremos para dar continuidade a sua obra e os teus ensinamentos para as futuras gerações.

Obrigado por ter dedicado a sua vida a nós que antes não tínhamos Pai e hoje temos o melhor do mundo. Obrigado por ser sempre um Pai e amigo maravilhoso.

Descanse em paz Pai, e nos perdoe se não rimos como pediu, mas nos caíram lágrimas. Não chorámos por desespero, mas sim de tamanha certeza deste enorme vazio e saudade. Nós aqui, juntamente com a mãe que nos deu, prometemos ser fortes, buscando consolo no amor de família e amigos que nos deixou.

Te amaremos para sempre Pai.

De seus filhos. Obrigada!

Senhor Padre, quando pensamos em escrever algumas palavras, tivemos muitas dificuldades em

expressar todos os nossos sentimentos, devido à sua grandeza humana e a todas as recordações dos muitos momentos vividos consigo, por cada um de nós.

As imagens dos momentos na sua companhia calavam as nossas palavras.

É muito complicado agradecer por algo concreto. É impossível encontrar palavras para descrevê-lo... Talvez simplesmente agradecer por nos ter permitido conhecer uma pessoa tão maravilhosa.

O Senhor Padre é também nosso pai. É a família para quem não a tem, mas também para nós. A família que encontramos quando aqui chegámos. O nosso amigo, colega, conselheiro...

Como transmitirmos o que aprendemos consigo, nos passeios pela casa, pelas comunidades, pela fazenda, pela montanha?... onde nos mostrava o seu amor incondicional pelo próximo e pela natureza.

Como transmitir a sua preocupação com todos nós? A atenção ao detalhe, que de uma forma simples, discreta e carinhosa nos fazia sentir queridos. Com certeza que agora nos estaria a corrigir... colocando uma palavra certa, uma vírgula ou parágrafo. Vamos ter saudades...

Como dissemos, Sr. Padre, faltam-nos as palavras para agradecer

A melhor forma que encontramos para vos honrar é não esquecer nunca a sua humildade e sua grandeza de amar. E, reiterar o nosso compromisso para, junto com a Irmã Quitéria, dar continuidade ao seu desejo de manter viva esta família. Obrigada. □



MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — O tempo tem-se mantido agradável, o que permitiu concluirmos a colheita das espigas de milho, no nosso campo na terra dos grilos. Também continuaram-se a arranjar os jardins. Precisamos de frangos para criar e vamos ocupar, de novo, a pocilga.

CATEQUESE — É uma dimensão importante na vida das nossas Casas do Gaiato. Por isso, começámos com a Catequese dos pequenos, aos Sábados de manhã. Logo que

possível, terão início as catequese dos médios e dos crescidos. Também voltaremos a Fátima, em tarde de paragem, para nos confessarmos.

PRÉ-SEMINÁRIO DE COIMBRA — Em 1 de Outubro de 2016, Sábado, pelas 15 horas, o Pré-Seminário de Coimbra escolheu a nossa Casa para estar connosco, procurando conhecer Padre-Pai Américo e a Obra da Rua. Neste ano pastoral, o lema deste projecto vocacional é Santos da casa fazem milagres.

Vieram o senhor Reitor (novo), Padre Nuno Santos (regressado de Roma), o Padre Nuno Fileno (nesta Paróquia), Daniel (estagiário) e vários pré-seminaristas, rapazes de várias comunidades da Diocese de Coimbra que sonham ser padres! Tiveram tempo de assistir a parte de um renhido desafio de futebol dos mais pequenos. Ainda participaram na nossa merenda e foram para o Seminário contentes. Bem hajam e Deus vos ajude na vossa caminhada vocacional! □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

«Não me canso de pedir e tu de me dar», assim dizia e escrevia Pai Américo.

Começo esta crónica com um pedido de desculpas pela nossa demora em dar notícias. A palavra crise, gasta e batida na boca do ser humano, já se tornou por força das circunstâncias da vida que vivemos, a mais falada a nível mundial, mas a realidade é que ela existe mesmo.

Os nossos pobres todos os dias nos alertam para as suas necessidades e nós, dizemos para falarem com as assistentes sociais das suas freguesias, e eles respondem: — Já lá fomos, mas dizem que não existem verbas disponíveis —, então recorrem à nossa Conferência, só que nós também estamos sem ver-

bas e não conseguimos ajudar mais.

Sentimo-nos impotentes quando uma mãe que pede para os seus filhos ou aquele casal que não tem trabalho e tem os filhos desempregados a seu cargo e não temos nada para lhes dar, é uma dor de alma, mas não ficamos de braços cruzados e eles também não ficam, porque todos nós temos que lutar, com as armas que temos ao nosso alcance, e a nossa fé é que Deus nunca se esquece dos seus filhos.

Todos os dias me dá uma vontade enorme de escrever, mas pego no papel e caneta e nada sai, dá-me uma dor no coração e vou-me embora a cismar porque não o fazes, não escrevendo a crónica estás a privar os pobres dos donativos que a eles lhes fazem imensa

falta para alimentar os seus filhos, não permitas que por tua causa privas os pobres dos seus mimos.

Ultimamente não temos recebido muitos donativos, é sempre tempo de mandares as tuas ofertas, alguma migalha que não te faça falta e que seja a alegria de uma família, para a sua alimentação, pagamento dos seus consumos essenciais e que são despesas fixas, para terem luz, água, gás e já para não falarmos dos medicamentos que levam grande parte das suas reformas. Não te esqueças da nossa Conferência Vicentina, porque tu, meu amigo e amiga, sois a razão da nossa existência, é com as vossas ajudas que vamos conseguindo um pouco de remédio para curar as doenças dos nossos pobres.

PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

DESPORTO — Em geral, o desporto hoje em dia é o modo de entretenimento mais escolhido. Por isso, cá em casa, a preferência de cada rapaz, foi sempre de jogar à bola, esteja ela boa ou estragada. O que interessa é jogar. Para encontrarmos equipas com quem jogar foi preciso algum trabalho, para o que contei com a ajuda de um senhor, a quem tenho de agradecer, que acompanha o futsal distrital do Porto, que nos deu alguns contactos.

Para o primeiro jogo conseguimos arranjar uma equipa que veio do Porto — o Grupo Dramático Monte Aventino. Vieram-nos proporcionar uma bela tarde de Domingo de futsal. O resultado pendeu para o nosso lado, 16-4, a que não foi estranho o terreno onde disputámos o jogo, mais conhecido por nós. Mas também com uma equipa destas não admira, pois cada um deles tem uma especial habilidade. Começando pela baliza, o “Julio”, que fez uma belíssima exibição; de seguida o “Filipe”, que é um bom capitão, sabe bem falar para dentro de campo mas também é um bom guarda-redes atacante. Continuando com o “Francisco”, “Ináliu” e o “Gibril”, que na defensiva são uns valentes patrões. Ainda não fica por aqui: o “Fadul”, que é um excelente organizador de jogo e, agora continuemos em frente, temos o “Marculino” que tem um bom remate de longa distância. E, para terminar, pois já disse a equipa quase toda, temos o “Mateus”, que leva bem a bola para a frente, o “Dário” que é um bom finalizador e, por último, temos o “Carlinhos” que é bom no desarme de bola (agressivo).

Pois é assim que é composta a nossa equipa, formada por 10 belíssimos jogadores. Agora só nos falta seguirmos em frente, arranjarmos novas equipas, para espalharmos a nossa magia. □

Dar por amor a Deus é aumentar o mérito para a eternidade.

Aproveito esta crónica para manifestar a nossa dor pela partida para o Céu do nosso querido e amigo Padre José Maria, trabalhei com ele alguns anos e foi ele que nos casou em 1973 na Casa do Gaiato em Moçambique e batizou o nosso filho mais velho, foi sempre um grande amigo dos pobres e de todos que o rodea-

vam. Estava sempre disponível para quem precisasse dele, havia sempre uma palavra amiga e uma dedicação à Obra da Rua.

A sua maior dor foi quando teve de entregar a sua primeira Casa que foi construída com muito suor e dor para albergar crianças abandonadas e depois funcionar como sede da Polícia do Maputo (Lou-





DA MISERICÓRDIA

Pai Américo

Assim se furtam homens ao banco dos réus!

Tinha perdido de vista o Luciano, um adorável garoto de Coimbra, órfão de pais, a viver com a sua avó e esta há pouco falecida. Soube eu de alguns furtos praticados por ele: Um de trezentos escudos e outros de menor monta. Indaguei do seu paradeiro e fui topá-lo na «Casa do Inferno», conhecido como antro de vadiagem, aninhado num recanto com dois matulões de Vila Nova de Gaia. O nosso garoto é sumamente simpático e inteligente, qualidades perigosas em gente assim. Começámos a falar. Recordámos os dias felizes das nossas Colónias de Campo onde ele era vedeta. Disse-lhe que o Leonel, da Casa do Gaiato, tinha vindo naquele dia a Coimbra aviar recados e que regressava a Miranda do Corvo no comboio das seis.

— Queres tu ir mais ele, Luciano?

Há um breve trocar de vistas com os dois matulões, uma leve hesitação e um sim final. Marcou-se a hora de comparecer e eu retirei-me do sítio a tremer e a rezar; mais a rezar do que a tremer. Oh! sim. Se tu soubesses como é difícil conquistar pequeninos à doce vadiagem!; como é necessário cair muitas vezes no chão para que eles se levantem e venham até nós pelo seu próprio pé! À hora marcada chegou o pequeno ladrão e seguiu para a Casa do Gaiato, hoje sua. Assim se furtam homens ao banco dos réus.

Os Pobres tudo merecem, pelas lições que nos dão. Ora escuta:

É na cidade de Coimbra, junto da Sé Velha, uma casa

de muitos pisos, cozinha comum, cada família seu quarto. Bati. Não estava. Acode a vizinhança a implorar que não abandone eu os ausentes pela sua grande necessidade. Esta é a primeira lição: generosidade heróica.

À noitinha vem agradecer a visita a pessoa que eu procurava. É uma tricana de Coimbra, nada e criada na Baixa, mãe de filhos com seu marido inválido. Só ela trabalha. O suor do seu rosto é o pão amargo que todos comem em casa. Sentou-se ao pé de mim a desfiar amarguras: «Casei-me tão nova, bom padre, para sofrer tantos trabalhos!»

Nós somos médicos das almas; temos a missão de evangelizar os Pobres. O dever obriga-nos à sentinela e a graça de estado dá-nos a palavra de conforto que no momento importa dizer.

Conversámos por algum tempo:

— Sabe?, venho aqui envergonhada sem meias nos pés e quero pedir-lhe que me ajude a comprar um par.

— Oh! rapariga! Mas tu andas precisamente na moda.

— Eu quero andar à minha moda, bom padre.

Esta é a segunda lição: pudor dos cristãos velhos! A vergonha é prima direita da Humildade. A nobreza de costumes anda fugida do mundo e foi-se aninhar à porta dos Humildes.

Terias desculpa se não ouvisses destas lições. Assim, culpada porque as ouves, morres nos escombros da derrocada com as pernas à vela!

Do livro *Pão dos Pobres*, 4.º vol., pp 89-90 e 95-96

BEIRE – O abraço do assinante 26833

Um admirador

Continuação do número anterior

Voltemos ao evangelho de Lucas, no cap 6. É curioso verificar que o assunto deste capítulo apareça nos 3 sinóticos (Mc 2, 13-27; Mt 12, 1-7; Lc 6 1-5). Este facto mostra bem a importância que, já desde as primeiras comunidades cristãs, este tema lhes merecia – a relação (não *ralação!*...) entre as **leis** e a **vida**. Sobretudo se tivermos em conta que o texto de Mc 2, 27 é tido como proferido pelo próprio Jesus: *O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado...* Porque, para Jesus, por muito *sagrado* que fosse o cumprimento da Lei, **mais sagrado ainda era o dar resposta aos problemas humanos concretos** – a fome, o alívio do sofrimento, a falta de liberdade, a (o)pressão dos primeiros (“doutorecos”) sobre os “últimos” – os eleitos de *Abba*, esse Deus *Pai-Mãe* cujo *PRO+jecto Humanizador* Jesus fez seu...

Com estas parábolas Jesus mostra o ridículo dos crimes de que é acusado: a) Apanhar espigas em dia de sábado e comer com as mãos por lavar... b) Curar um doente ao sábado... c) Mandar que o beneficiado parta em liberdade levando a enxerga consigo...

Por outro lado é curioso ver as ‘importantes’ tarefas em que se ocupavam aqueles “doutorecos”. Porque “a lei manda” (...), há que: a) *Farejar*,

espíar Jesus, para Lhe cortar o pio... b) Indagar se, naquele Calvário, “por cada x ‘doentes mentais’, se pagam x horas de acompanhamento psiquiátrico”... c) *Espíar* se, naquele Calvário, se paga a uma nutricionista para orientar a alimentação com ementas próprias para cada tipo de doentes... d) *Espíar* se, naquele Calvário, por cada x doentes, há um enfermeiro que, por lei, recebe x... e) *Espíar* se, naquele Calvário, se cumpre... E se e se e se ... Porque a lei manda e manda e manda...

Mas porque **Jesus anda no terreno** e os seus **seguidores** têm de andar com os pezinhos no chão onde andam os últimos (...), na prática, iríamos ter de devolver à valeta estes “nossos filhos”. Porque, assim com tanta lei e tão poucos recursos, também *não temos verba... nem pessoal para*, legalmente, cuidar deles tal como são... E que “não tiveram culpa de terem nascido com problemas e de terem sido abandonados”...

Como naquele tempo, também hoje apetece dizer: — *Se não acreditais no que dizemos, ao menos vinde com tempo e com abertura mental suficiente para conhecer uma Obra que está à vista de todos, com os frutos que já deu, está a dar e promete PRO+seguir...* Vinde, para conhecer. Num *presente histórico*. Um *tempo aoristo* que, pelo seu *passado*, faz luz para melhor entender o *presente* e, com novas luzes,

preparar um ainda melhor *futuro*. Isto é, para entender “ISTO” hoje, há que ver a história como é que isto nasceu e se DES+envolveu... Só assim poderemos dar as mãos e continuar a “nascer” e a DES+envolver mais e mais e mais, auxiliados pelas contínuas novas aquisições — da lei, da ciência e da técnica... Que, do Amor, a novidade é permanente.

Não é tempo de canonizar ninguém nem coisa nenhuma... Mas também não vamos deixar “prender” o pastor só porque deixou fugir alguma ovelha... As 99 que ficaram no aprisco não podem morrer à míngua... A vida, aqui como em qualquer outro sítio, está em PRO+cesso, sempre a refazer-se. Por isso mesmo há que ir afinando os rumos e os ritmos. Mas sem perder aquilo que Lhe é peculiar — uma fidelidade ao Evangelho que ditou este **último sonho de Pai Américo**. Um evangelho que não se compadece com a Lei sempre que ela, em vez de **humanizar** — como Deus manda — acabe por cair num rigorismo cego e desumanizador. “Somos uma palavra nova, inspirada no evangelho”, repetia Pai Américo. Ajudem-nos a ser-lhe fiéis, mas não nos afastem destes caminhos não andados que ainda esperam por alguém. Não podemos largar mão do arado que o Senhor nos confiou. Como dizia Pedro aos “doutorecos” do seu tempo “não podemos não falar”... □

renço Marques), que contraste, sabendo nós que existiam crianças a necessitar de ajuda.

Em 1991 regressa novamente a Moçambique, onde voltou a construir a sua segunda Casa, mas desta vez as dificuldades eram maiores, mas conseguiu com todas as pessoas que estavam ao seu redor e ainda estão, erguer uma grande Obra, ajudar as crianças abandonadas e famílias carenciadas a todos os níveis, dando a algumas abrigo e ensinando-lhes a pescar o seu próprio peixe.

Viu a sua Obra crescer mas as despesas eram muitas e continuam a ser, porque é uma casa de família e sem subsídios, como todas as outras Casas do Gaiato.

Não é tarefa fácil, mas como sempre contava com as ajudas de amigos e, em especial, da irmã Quitéria, que sempre colaborou, desde o início da Obra, formavam *uma equipa*, como ele dizia, sempre foram e são fiéis a esta grande OBRA DA RUA e esperamos que continuem porque a CASA DO GAIATO de Moçambique deve

continuar este projecto, as crianças precisam e as famílias também e todos os que trabalham nesta grande Obra.

O nossos amigos nunca morrem apenas partem mais cedo, por este motivo o nosso querido Padre José Maria continuará sempre vivo no nosso coração e de todos os rapazes que o conheceram. DESCANSE EM PAZ.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Isabel Magalhães, 60€. Anónimo, 100€. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

Tivemos, há dias, alguns momentos duma tarde feliz. Foi a visita do grupo de seminaristas do Seminário médio de Benguela. Quiseram conhecer a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Foi uma oportunidade maravilhosa para lhes apresentar um caminho que pode ser para alguns deles a realização das suas vidas, como padres futuros da Obra da Rua. O problema social da criança abandonada, em Angola, é de tal maneira grave que são necessárias mais Casas do Gaiato. Mas como? O nascimento de novos padres da rua é a resposta basilar. Ontem, dois senhores bateram-nos à porta. Traziam o pedido para acolhermos alguns filhos abandonados que conheciam, nas ruas da cidade do Lobito. Não foi possível uma resposta positiva. Pedi-lhes que fizessem todo o possível para encontrar emprego para alguns dos filhos mais velhos que estão nesta nossa Casa do Gaiato, mas já deviam estar com a sua autonomia, lá fora. O único impedimento é a falta de emprego. Deste modo, já seria possível o acolhimento de novos filhos. Partiram com muito entusiasmo. Ficamos à espera.

Há outra dimensão social que afecta a nossa vida. É o acolhimento de doentes, muito pobres, que batem à nossa porta. Vêm à busca de ajuda para as consultas médicas e pagamento das receitas de medicamentos na farmácia. Sem as vossas ajudas económico-financeiras não podemos cumprir esta missão que é nossa, e vossa também. Vamos abrir os nossos corações para termos uma vida feliz, cheia do amor verdadeiro.

Aconteceu, há dois dias, uma actividade muito importante na vida da nossa Casa do Gaiato de Benguela: Foram as eleições para a escolha do Chefe-Maioral dos rapazes. Eram três candidatos, propostos pelos próprios rapazes, com alguns dias de antecedência. O *Anjo da Paz*, apelido do Manuel António, é o novo responsável da Comunidade. É, sem dúvida, um momento muito importante. O dinamismo da vida da Casa do Gaiato, na vertente dos rapazes, exprime-se nesta linguagem: “Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes”. A eleição do Chefe-Maioral manifesta esta verdade. Há uma grande esperança no êxito efectivo desta eleição, com realce especial para a dimensão disciplinar, em todos os campos da vida dos rapazes. Recebi um beijinho, muito carinhoso, dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

ONDE É QUE FICAM A PARTILHA E O VERDADEIRO SERVIÇO AO PRÓXIMO? — Nas organizações que estão na acção social são muito frequentes, ou mesmo quase diárias, as aflições com a insuficiência de financiamento. Também é assim na vida das Conferências onde os recursos financeiros geralmente não abundam.

Para responder a estas necessidades estão a surgir por cá instrumentos novos, com nomes como “títulos de impactos social”, “parcerias para o impacto”, e expressões como “investimento social”. Se for tudo para bem da resolução efectiva de problemas sociais, nada a opor. O problema é quando, com esta novidade toda de instrumentos, se perde o sentido de algo que é muito “velhinho” e que foi e continuará a ser essencial no trabalho social. Estamos a falar do sentido de partilha e de verdadeiro serviço ao próximo. Por isso, em vez de “investimento social”, seria bem melhor falar-se de “partilha”: alguém que tem dinheiro que vai para além das suas necessidades, partilha-o com outros que dele precisam para levar por diante acções no sentido da construção do Bem Comum. Alguém que tem algum tempo disponível, partilha-o, fazendo voluntariado em organizações, ou em projectos que vão no sentido da construção do Bem Comum. Alguém que tem um saber que pode ser útil a outros, partilha esse saber desinteressadamente com quem dele precisa.

Se se perder este sentido da partilha, o que poderá acabar por acontecer é que, em vez de serviço ao próximo, haverá alguém estar a servir-se desse próximo, mesmo que isso venha com a capa de “investimento social”.

Saibamos, por isso, inovar na acção social sempre que tal nos permita fazer mais e melhor, mas saibamos, também, fazê-lo sem nunca perder de vista que isso exige uma atitude de partilha e um sentido de verdadeiro serviço ao próximo e não de servir-se do próximo. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.org.pt facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21350

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

DE um pobre, escrevo hoje aos meus Leitores do *Património*. Falo do nosso padre José Maria, de Moçambique.

Padre Zé, era assim que punha na boca o seu nome, quando nos falava. Uma voz já um tanto roufenha, era assim que ele se dirigia quando, de longe, me saudava ou pedia alguma coisa: *daqui fala o padre Zé*.

Morreu como desejava, ao serviço dos pobres de Moçambique — sua Pátria adoptiva, de onde quis partir para o Seio do Pai e ser sepultado.

A sua personalidade caracterizava-se por uma bondade humilde, generosa e perseverante.

Quando jovem, ainda no Seminário dos Olivais, brotaram-lhe da alma dois desejos: Dar a sua vida aos pobres, na Obra da Rua, e, quando morrer, ir para o Céu.

Com a sua Graça, apesar das terríveis dificuldades enfrentadas, Deus ajudou-o a concretizar estes dois desejos.

Fundou duas Aldeias (duas Casas do Gaiato) naquela nação Africana. A primeira foi ocupada pela Frelimo, onde esta força política instalou a escola da sua polícia secreta, fazendo dos nossos edifícios escolares, prisões, atirando os rapazes, o padre Zé Maria e os casais portugueses que o acompanhavam, para a rua, sem qualquer alternativa.

A revolução tudo justificava.

Regressou a Portugal, às nossas Casas, completamente transtornado, como era de prever e se via na barba negra a chegar à cintura e num olhar sempre fixo no infinito, indecifrável.

A família, os colegas, as Casas do Gaiato pouco influíam para apagar o desgosto arrebatador que o dominava.

Passou pela Casa do Gaiato de Benguela e, de lá, convidado pelo padre Mata, ex-pároco da catedral de Lourenço Marques, actual Maputo, foi para o Brasil, onde ambos se dedicaram aos pobres numa cidade interior, dividida em ruas térreas, sem alcatrão, e casas de tījolo à vista, sem reboco.

Com o evoluir da guerra civil fratricida, o senso social veio ao de cima e tanto o Episcopado como o Governo Moçambicano pediram o nosso regresso, e o presidente Joaquim Chissano influíu para que nos fosse dada uma propriedade, já sob o domínio da coroa Inglesa, onde o padre José Maria, com a irmã Quitéria, começaram a trabalhar e a darem-se aos pobres — os quais era todo o povo daqueles arredores sem nenhuma excepção. Mas uma extrema pobreza, envolvida numa terrível ignorância das coisas mais elementares da vida humana.

Numa aldeia vizinha, começaram por criar escolas, postos de saúde, oficinas de culinária, padaria, alfaiataria, sapataria, carpintaria, agropecuária e fabricação de blocos de cimento e areia, fornecida pelo padre Zé a troco de uma certa quantidade de blocos.

Foi um trabalho insano com homens não habituados a fazer patavina.

Começou por onde devia principiar: Por abrir a cabeça aos pobres.

Sem desprezar esta hercúlea acção, num raio cerca de quarenta quilómetros, a equipa chefiada por este sacerdote, começou então a construir a nova aldeia que é a Casa do Gaiato de Moçambique, edificando ao mesmo tempo pelos aglomerados populacionais, pos-

tos de saúde, quarenta escolas com várias salas e até uma pequena fábrica para tratamento da farinha de mandioca e extracção do óleo de girassol.

As escolas compunham-se de várias salas, uma pequena cozinha e os respectivos e rudimentares sanitários, chegando a dar, durante muitos anos, uma refeição diária a mais de duas mil crianças. Forma natural para atrair meninos e meninas à escola e dar-lhes o gosto de aprender.

Eu vi, numa delas, duzentas crianças sentadas no chão térreo em círculos de sete, a comer à mão, do mesmo prato grande, acogulado de arroz com feijão. Uma cena que jamais esquecerei e me trouxe repentinamente à memória a multiplicação dos pães feita pelo Jesus.

A nossa Aldeia (Casa do Gaiato) situa-se nos pequenos Libombos, a quarenta quilómetros de Maputo, perto da barragem do rio Emboluzze, que lhe dá o nome, e na encosta de uma baixa colina arborizada e pedregosa com uma vista admirável para quem de longe a contempla, como quem dela extasia os olhos na paisagem natural.

É encimada pela belíssima Capela — uma enorme cubata em pirâmide, com trinta metros de altura, coberta de palha a chegar apenas a dois metros do solo,

rodeada de verdura que faz a vedação. O altar, um enorme pedregulho dali, é protegido por uma parede circular, também em pedra, com oito metros de comprimento, marcada, ao meio, por um vitral espelhando o Crucificado, que é figura dominante de uma enorme pintura em tela, história da Redenção humana, do mesmo autor do projecto o arquitecto e pintor Sousa Araújo, nosso amigo comum.

O padre Zé, conseguiu o auxílio, não só da Obra Da Rua, mas também da cooperação de alguns países Europeus, como Espanha, Itália, Alemanha e outros organismos humanitários.

Para levantar tão vasta Obra num meio tão pobre, só com o Dedo de Deus, uma enorme determinação, um amor incontido aos pobres e ao Senhor de Quem tudo dependia.

Se há heróis neste mundo e nesta igreja, o padre Zé Maria foi um deles.

Se há vocações atractivas a olhos da juventude generosa, este padre brilha entre as mais ilustres. Será modelo mais próximo, ante o Senhor, a copiar.

Oh! igreja jovem! Não te entusiasmes tanto com multidões, vai à procura de homens e mulheres pequeninas e fracas que o Senhor elegeu e fez deles e delas, figuras cimeiras no silêncio e escondimento da Igreja actual.

Os escritos simples e profundos do padre Zé, n' O GAIATO, também revelam, de forma escondida, a sua grandeza da alma.

Tivemos a graça de contactar mais de perto com ele nestes últimos anos, quando vinha a Lisboa fazer os seus exames e consultas médicas.

Pela proximidade da Capital e pelo acolhimento, era aqui que se sentia melhor, deixando tanto nos rapazes como nas senhoras uma enorme saudade. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes



Continuação da página 1

Retrato da Mãe,

Colhido dia 17/7/20 na Torre — Galegos no dia em que apareceu pela primeira vez às vistas dos curiosos, à missa dominical, após o seu casamento, na igreja de Galegos.

Alta, cheia de carne, bem proporcionada, olhos grandes, castanhos, cabelo preto, ondeado, farto, alegre, sorriso nos lábios, prasenteira, engraçada na conversa, gestos agradáveis, desembaraçada.

Lenço de seda, vermelho, com flocos longos, e com flores brancas, caindo-lhe da cabeça sobre os ombros; saia cinzenta com uma orla de veludo preto a guarnecer-lhe a roda, ao fundo.

Assim apareceu aos mirões curiosos, fora da porta da igreja, há 46 anos, a que foi Sr.^a Teresinha do Bairro, e que havia casado em Setembro [Outubro] de 1873 na igreja de Paço de Sousa. Rumilo [Ramiro] fez a apresentação da sua esposa aos Sás da Torre e pessoas gradadas da freguesia. Ufanavam-se um do outro, estavam felizes.

Uma das Sás, a Dulce, então rapariga de 12 anos, presente a esta cena, reteve a figura grandiosa da nossa Mãe, recolheu e conservou sempre a viva impressão magnífica que a ela, e aliás, a todos, causou a presença e ademanos da sobredita senhora — boas impressões nunca desmentidas no longo período de tempo que governou a dita casa do Bairro (38 anos) — e um dia (17/7/20) indo eu à casa da Torre em investigações arqueológicas, conversando essa Senhora D. Dulce comigo, frisando as minhas parecências com minha Mãe, atira-me com esse retrato físico e moral, — ainda vivo na sua imaginação, que logo copiei e conservo com grata e saudosa recordação daquela que me deu o ser.

Uma auréola de simpatia ornou sempre a pessoa da Sra. Teresinha do Bairro desde o momento em que ela principiou, aliada ao Pai, a sua vida pública, de múltiplas responsabilidades.

[Padre José Monteiro de Aguiar]

Para o Padre Américo, a sua mãezinha era a mulher mais fresca e linda do mundo inteiro! Com sua mãe insistiu várias vezes, na sua adolescência (v.g. em 1902 e 1903), que queria ser padre; e a afeição que nutria por ela foi tratada amiúde. Pelo falecimento de sua mãe D. Teresa, Américo de Aguiar recebeu *marejado em lágrimas*, no Chinde, essa sinistra notícia. Não admira, pois, que em 14 de Agosto de 1924, com 36 anos, tenha tomado o hábito franciscano com o nome de *Frei Américo de Santa Teresa*.

Também nos toca e vai aqui fazer memória da entrega das dores até à cruz, em 30 de Setembro, do Padre José Maria, em Moçambique, território onde labutou dignamente o senhor Américo e foi levantada com largo alcance, por duas vezes (1967 e 1991), a Casa do Gaiato, para bem daquele povo martirizado pelas guerras. *Pax!*

Com o salmista, é de louvar: *estou sossegado e tranquilo, como criança saciada ao colo da mãe*. □

SINAIS

Padre Telmo

A DEUS Padre José Maria. Sei que já estás no Céu a pedir por nós. Não sei ainda se o teu corpo ficou no lugar que me indicaste — entre a lagoa e o pomar. Disseste-me: Vem, vou mostrar-te o lugar da minha sepultura. Demos voltas, mas não encontramos o sinal do lugar. Um rapaz deve ter sabido e atirou fora...

Não pude estar contigo nos últimos momentos — nem acompanhar o teu corpo — por ter os pés doentes...

Não é importante esse sinal, mas, sim, o grande sinal de amor aos irmãos, a tua dedicação, a entrega total da tua vida, por Jesus, aos teus filhos gaiatos e a todo o povo que rodeia a nossa Casa. Este o grande sinal!

Estive contigo nos primeiros dois meses. Palmilhámos todos os cantos da fazenda. Escolhemos o lugar da Aldeia — sempre embalados pelo teu sonho.

Soubemos, depois, da existência de trezentas minas... Jesus, embalado também pelo teu sonho, nos guiou.

Pede ao Senhor Jesus que nos mande sacerdotes e avive o fogo dos nossos sonhos. □

VINDE VER!

Padre Quim

Uma obra pobre para servir

O serviço prestado às classes pobres, é um testemunho vivo, claro e evidente do amor preferencial de Deus para com os mais necessitados. Aqueles a quem a sociedade fechou as portas por não reunirem os critérios de selecção dos homens, segundo aquilo que valem, como a falta de escolaridade e de instrução, que são responsáveis pela marginalização.

A Igreja apresenta-nos o exemplo de São Francisco de Assis, cuja memória é incontornável, abraçou a pobreza para seguir mais perfeitamente as pegadas de Cristo. Em tudo seguiu Jesus e fez de Cristo na Cruz a paixão da sua vida. Humilde e pobre no mundo, com a sua vida revelou a muitos o caminho da construção da Igreja de Deus. Pobre por opção de vida, tendo fortuna e podendo ostentar, preferiu a pobreza. Os homens ainda não se convenceram de que quanto mais ricos nesta terra, mais dificuldades se tem de transcendência.

«A pobreza é coisa santa, ninguém lhe mexe!», a criança pobre atirada ao abandono cresce sem que ninguém lhe toque, até dar num criminoso para a própria sociedade. E nesta altura, sim, é preocupante e lá vai a autoridade encarcerar mais um inocente que veio ao mundo. Pai Américo deixou um testemunho de pobreza Evangélica.

A Obra da Rua fala por si mesma deste testamento. Aos domingos, antes da Santa Missa, junto à porta da casa-Mãe costuma sentar-se uma velhinha pobre, que vem pedir esmola. Sendo dia Santo, julguei que alguma vez pudesse acompanhar a comunidade e rezar conosco, mas não. Ela sente-se envolvida numa natureza familiar e ali fica até ao fim da Missa, altura em que costuma ser atendida. E reparo sempre que ao receber também dá. Da sua pobreza deixa ficar algumas vassouras de palmeira que sempre dão muito jeito para os pequenos

varrerem o pátio e as avenidas da Casa. E que bem me não fez aquele gesto, observar que as verdades eternas geram nos homens de boa vontade a energia construtora da verdadeira humanização.

E para continuarmos a servir, a pôr a mesa aos pobres que batem à nossa porta necessitamos dos homens e mulheres de boa vontade, para que não tenham medo de deixar cair algumas migalhas para cozer o pão para dar aos pobres.

O espírito de pobreza inunda a natureza que envolve as Casas do Gaiato, e faz da Obra uma mãe que anima os seus filhos, sarando as suas feridas profundas com a mesma pobreza de vida, que é a nossa verdadeira riqueza. Ao partilharmos, levantamos o que o mundo deixou cair. A imagem e semelhança de Deus. O próprio homem.

A conclusão é de Pai Américo; *não há ninguém no mundo que por dinheiro trate humanamente as obras humanas*. □